

A DECÊNCIA DAS GAROTAS: O DISCIPLINAMENTO DOS CORPOS E AS LINHAS DE FUGA PRODUZIDAS NO COTIDIANO ESCOLAR

HELOISA RAIMUNDA HERNECK*
GABRIELA RODRIGUES DE CASTRO**

RESUMO

O presente trabalho busca compreender as linhas de fuga traçadas por meninas do quarto ano do Ensino Fundamental de uma escola pública de Viçosa, Minas Gerais, para desenvolverem suas sexualidades frente ao poder disciplinar e à invisibilização do tema no contexto escolar. Para a realização desta pesquisa foram utilizadas observações e análise de documentos escolares, como o Projeto Político Pedagógico, o Regimento Interno e o Caderno de Ocorrências, a fim de compreender o trabalho de educação sexual que a escola pretendia desenvolver ou ocultar com os/as seus/suas alunos/as. Também foi utilizada a pesquisa cartográfica para o acompanhamento dessas meninas, seguindo pistas e utilizando da observação-participante. As observações foram importantes no sentido de acompanhar as redes de subjetividades produzidas pelas garotas pesquisadas, bem como o meio que estas encontram para escapar das normas escolares. Os momentos de disciplinamento se fazem presentes nos rituais religiosos que ainda existem no cotidiano da referida escola, nas conversas e nos silêncios. Em contrapartida, as linhas de fugas são criadas pelas garotas nos aplicativos, nas conversas, nos olhares e sorrisos. Nesse sentido, consideramos que os sujeitos são ativos na construção de suas identidades, implicando, portanto, numa necessária e urgente problematização do disciplinamento do corpo feminino no cotidiano escolar.

Palavras-chave: Cotidiano Escolar, Sexualidade das Meninas, Produção de Subjetividades.

ABSTRACT

This study seeks to understand the escape lines drawn by girls of the fourth year of elementary school to a public school Viçosa, Minas Gerais, to develop their sexuality against the disciplinary power and the theme of invisibility in the school context. For this research were used observations and analysis of school documents, such as the

* Professora do Departamento da Educação – Universidade Federal de Viçosa.
** Mestranda em Educação – Universidade Federal de Viçosa.

Educational Policy Project, the Internal Rules and Events notebook in order to understand the sexual education work that the school wanted to develop or hide with / as its / your students / them. It was also used to search for cartographic monitoring of these girls, following clues and using the participant observation. The observations were important in order to monitor the subjectivities networks produced by the surveyed girls, as well as the means that they are to escape the school rules. The moments of discipline are present in religious rituals that still exist in the said school everyday, in conversations and silences. On the other hand, the lines leaks are created by girls in applications, in conversation, in looks and smiles. In this sense, we consider that the subjects are active in the construction of their identities, implying therefore a necessary and urgent questioning of the female body discipline in the school routine.

Keywords: School Daily Life, Girls' sexuality, Subjectivity production.

INTRODUÇÃO

*“O que será que será
Que dá dentro da gente e que não devia
Que desacata a gente, que é revelia
[...]
O que não tem governo, nem nunca terá
O que não tem juízo”.*
Chico Buarque, 1976.

Dentre os vários acontecimentos que ocorrem à sua volta, qual lhe instiga, qual lhe provoca? Acredito que uma pesquisa necessita partir das vivências do pesquisador. Como ressalta Meyer e Paraíso (2012, p. 17) “aproximamo-nos daqueles pensamentos que nos movem, colocam em xeque nossas verdades e nos auxiliam a encontrar caminhos para responder nossas interrogações”. Nesse sentido, a predileção pelo tema sexualidade ocorreu antes mesmo de me pensar como pesquisadora acadêmica, mas como curiosa do mundo e das coisas, desde minha infância e adolescência. Por ter entrado na puberdade muito menina, diversas curiosidades acerca da vida adulta povoavam e perturbavam o meu imaginário. No entanto, não eram conversas “apropriadas” para mim, segundo os adultos que me cercavam, culturalmente orientados por máximas como:

É preciso manter a ‘inocência’ e a ‘pureza’ das crianças (e, se possível, dos adolescentes), ainda que isso implique no silenciamento e na negação da curiosidade e dos saberes infantis e juvenis sobre as identidades, as fantasias e as práticas sexuais (LOURO, 2007, p. 26).

Orientação sexual é um dos cinco temas transversais¹ abordados nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), por ser um tema importante para o desenvolvimento do indivíduo. Os contatos com a escola de educação básica, sejam em projetos de extensão, visitas ou estágios, evidenciaram a ausência de projetos que trabalhassem essa temática na escola e se fizeram um tema para instigante reflexão, pois

As manifestações de sexualidade afloram em todas as faixas etárias. Ignorar, ocultar ou reprimir são as respostas mais habituais dadas pelos profissionais da escola. Essas práticas se fundamentam na ideia de que o tema deva ser tratado exclusivamente pela família (BRASIL, 1997, p. 78).

Outros fatores que fundamentam essas práticas são a concepção de que a sexualidade é um assunto pecaminoso e privado, atrelado a questões morais e religiosas, à falta de formação do/a professor/a para lidar com essas discussões, e à concepção tradicional de que a escola é responsável apenas pela construção do saber institucionalizado.

A trajetória escolar contribui de forma significativa para a formação dos sujeitos, não somente acerca dos conteúdos sistematizados, mas também dos comportamentos exigidos. Segundo Louro (2007, p. 17) “tal pedagogia é muitas vezes sutil, discreta, contínua, mas, quase sempre eficiente e duradoura”. Ainda ressalta que, “as marcas mais permanentes que atribuímos às escolas não se referem aos conteúdos programáticos que elas possam nos ter apresentado, mas se referem a situações do dia a dia”, como as experiências vivenciadas com colegas, professores e demais sujeitos escolares. Nesse sentido, “as marcas que nos fazem lembrar, ainda hoje, dessas instituições têm a ver com as formas como construímos nossas identidades sociais, especialmente nossa identidade de gênero e sexual” (LOURO, 2007, p. 18-19).

Mesmo com a relevância deste tema para a formação dos sujeitos, é possível perceber certa invisibilização de questões relacionadas à sexualidade dos/as adolescentes, bem como às curiosidades, aos tabus, aos dilemas e às dificuldades enfrentadas

¹ Em 1997, no Brasil, foram criados os Parâmetros Curriculares Nacionais para cada disciplina do currículo. E foi criado um intitulado como Temas Transversais para se trabalhar temáticas como: ética, saúde, meio ambiente, orientação sexual e pluralidade cultural.

por eles/as. No entanto, embora a escola tente silenciar, abafar ou adiar essa conversa, os desejos, as paixões e as curiosidades dos jovens alunos estão latejantes, como abordado no início desse trabalho pela canção de Chico Buarque de Hollanda.

Entendendo que a sexualidade está presente no cotidiano dos sujeitos, pois não é algo que possa se despir ao entrar em locais em que conversas sobre os desejos e prazeres sejam “inadequadas”, uma vez que a “a sexualidade é da ordem do indivíduo”, (TONELI, 2012, p. 152), esta pesquisa partiu dos questionamentos: Como as sexualidades das meninas são produzidas ou silenciadas pela/na escola? Quais serão as linhas de fugas por elas desenvolvidas para viver suas sexualidades?

“O problema de uma cartografia não é um tesouro a ser descoberto em uma ilha perdida, é o seu processo de criação” (OLIVEIRA, 2012, p. 285). Diante desta assertiva e utilizando a cartografia, mergulhei, construí, observei e participei do cotidiano de uma escola da cidade de Viçosa, Minas Gerais, seguindo as redes de subjetividades produzidas por alunas do quarto ano do Ensino Fundamental, nove e dez anos.

UMA CONVERSA SOBRE OS CONCEITOS

*“Começo a conhecer-me. Não existo.
Sou o intervalo entre o que desejo ser e os outros me fizeram”.*
Álvaro de Campos, Heterônimo de Fernando Pessoa, 2007.

“A sexualidade é um elemento determinante na constituição dos sujeitos, tão necessário quanto o ar que se respira” (RODRIGUES e BARRETO, 2013, p. 37). Apesar dessa premissa, a forma cultural como vivemos e praticamos hoje a nossa sexualidade é construída histórica e socialmente.

Nossas práticas sexuais dependem exclusivamente da construção social das relações entre/pelos seres humanos, relações estas que por sua vez não existem em contextos abstratos, mas estão sempre amalgamadas pela concretude de contextos culturais, geopolíticos, padrões morais e posições sociais (Idem).

Nesse sentido, é importante questionar o que nos é dado como natural, uma vez que os discursos inventados a fim de construir nossas subjetividades e controlar a forma como vivemos nossas sexualidades são produzidos e disseminados no cotidiano por meio das relações sociais de poder. Segundo Rodrigues e

Barreto (2013, p. 68) “estes discursos e interpelações precisam ser constantemente repetidos e reiterados nas práticas educativas cotidianas para darem o efeito de substância e de algo natural”. É, preciso, portanto, desnaturalizá-los.

Assim, as subjetividades das meninas pesquisadas, bem como as vivências de suas sexualidades, são produções permanentes dos/nos diversos espaços, práticas e discursos. Elas são produzidas por meio de “técnicas”, historicamente situadas, pelas quais um sujeito constrói uma relação determinada consigo, dá forma à sua existência, estabelece de maneira regrada sua relação com o mundo e com os outros” (FOUCAULT, 2010, p. 348).

Desse modo, “a produção da subjetividade se dá no *ponto de contato* dessas técnicas, as quais atuam no *autogoverno* e no *governo das/os outras/os*” (FOUCAULT, 1993 apud SALES e PARAÍSO, 2013, p. 604). Nesse sentido, “o governo de si consiste na condução da própria vida, por meio das relações consigo. O governo das/os outras/os é aquele tipo de prática que é exercido sobre as ações da/o outra/o, a fim de regulá-las” (FOUCAULT apud SALES e PARAÍSO, 2013, p. 604). Assim, o governo das/os outras/as disciplina os corpos produzindo também subjetividades.

A disciplina tem o objetivo de punir ou de reparar tudo o que foge à regra imposta por ela, os desvios da norma,

Na oficina, na escola, no exército funciona como repressora toda uma micropenalidade do tempo (atrasos, ausências, interrupções das tarefas), da atividade (desatenção, negligência, falta de zelo), da maneira de ser (grosseria, desobediência), dos discursos (tagarelice, insolência), do corpo (atitudes “incorretas”, gestos não conformes, sujeira), da sexualidade (imodéstia, indecência) (FOUCAULT, 1987, p. 149).

Nessa perspectiva, o poder disciplinar

Põe em funcionamento cinco operações bem distintas: relacionar os atos, os desempenhos, os comportamentos singulares a um conjunto, que é ao mesmo tempo campo de comparação, espaço de diferenciação e princípio de uma regra a seguir (FOUCAULT, 1987, p. 152).

A normalização e a disciplina dos corpos, dentro no contexto desta pesquisa, levaram as garotas a inventarem linhas de fuga, que segundo Deleuze (1998) são linhas que não se reduzem ao trajeto de um ponto, e escapam da estrutura. Então, utilizamos o conceito de Deleuze para compreender o traçado das meninas que permite

escapar do poder disciplinar existente da escola para a vivência e a experiência de suas sexualidades.

O CAMINHO QUE SE FEZ

Pesquisar talvez seja mesmo ir por dentro da chuva, pelo meio do oceano, sem guarda-chuva, sem barco. Logo, percebemos que não há como indicar caminhos muito seguros ou estáveis. Pesquisar é experimentar, arriscar-se, deixar-se perder (OLIVEIRA, 2012, p.279).

Começamos o procedimento metodológico com um convite a pensá-lo de outro modo, não mais como um caminho planejado *a priori*, mas como a “expressão de uma pesquisa errante que navega na embriaguez do movimento pela sua própria mudança” (OLIVEIRA, 2012, p. 283). Cartografar, mapear e entender as linhas de fugas criadas por meninas do quarto ano de uma escola pública de Viçosa/MG para produzirem entre si sua educação sexual é o que nos interessou na elaboração desse artigo. A escolha por meninas e pela faixa etária também aconteceu em contato com o campo.

Para compreender o trabalho de educação sexual que a escola pretendia desenvolver ou ocultar de os/as seus/suas alunos/as, optamos por utilizar como instrumento metodológico, em um primeiro momento, a pesquisa documental. Para isso, analisamos o Projeto Político Pedagógico da escola, seu Regimento Interno e os cadernos de ocorrência. Para compreender a educação sexual produzida pelas meninas, por meio da observação, optamos para todas e quaisquer conversas, brincadeiras ou questionamentos produzidos por elas. Nesse sentido, o desafio foi “realizar uma reversão do sentido tradicional de método - não mais um caminhar para alcançar metas pré-fixadas (metá-hódos), mas o primado do caminhar que traça, no percurso, suas metas” (BARROS e PASSOS, 2009, p. 17).

Ao nos propormos mergulhar no cotidiano das adolescentes, buscamos

Compreendê-las em suas complexidades e articulações, para nelas buscar intervir de modo mais consoante com as suas especificidades locais e individuais, respeitando a importância desses elementos frequentemente negligenciados, por sua irrelevância científica, ou, o que é mais grave, por sua irrelevância social e política é um trabalho que escapa às possibilidades das metodologias clássicas (OLIVEIRA, 2008, p. 52).

Nesse sentido, Oliveira (2012, p. 282) afirma que “um método não é um caminho para saber sobre as coisas do mundo, mas um modo de pensamento que se desdobra acerca delas e que as toma como testemunhos de uma questão: a potência do pensamento”. A Cartografia como método de pesquisa-intervenção pressupõe uma orientação do trabalho do pesquisador que não se faz de modo prescritivo, por regras já prontas nem com objetivos previamente estabelecidos. Assim, imergimos nas intensidades do cotidiano adolescente, seguindo, como observadora-participante, as tramas e conversações tecidas pelas meninas em suas redes de subjetividades.

Segundo Barros e Passos (2009, p. 17), “a intervenção sempre se realiza por um mergulho na experiência que agencia sujeito e objeto, teoria e prática, num mesmo plano de produção ou de coemergência - o que podemos designar como plano da experiência”. Portanto, todas as informações, como seus gostos, preocupações, dilemas e anseios, foram importantes para conhecermos os interesses e sentimentos que norteiam suas vidas nesse dado momento e para nos inserirmos como parte do grupo. A respeito da importância dessas conversas no contexto escolar, Louro afirma que representam “a porta de entrada para muitas confidências e discussões sobre a sexualidade” se constituindo como um “espaço privilegiado para construção de saberes sobre nossos corpos e desejos” (LOURO, 2007, p. 24).

Inserimo-nos no cotidiano desse quarto ano primeiramente acompanhando as aulas, auxiliando a professora e os alunos no que fosse necessário por quatro semanas. Após o conhecimento por todos/as, passamos somente a frequentar o recreio e as aulas de educação física, por se tratar de momentos de descontração que geralmente acontecem em locais abertos, o que possibilitava mais interação com as meninas pesquisadas. Estivemos presente nesses momentos duas vezes na semana, durante quatro meses. Sobre a importância desses momentos externos à aula, encontramos no Projeto Político Pedagógico da escola que

Os professores devem estar atentos a todos os momentos de aprendizagem dos alunos nos tempos em sala e fora dela, incluindo no período do lanche e do recreio, que são excelentes oportunidades de aprendizagem da convivência em espaços mais abertos e espontâneos (MADRE SANTA FACE, 2015, p. 21).

Assim, começamos a observar e a participar utilizando esses espaços, cujos dados produzidos nessa pesquisa, apresentaremos a seguir.

A ESCOLA PESQUISADA

A Escola Estadual “Madre Santa Face” foi fundada pelas irmãs Carmelitas, primeiramente como uma extensão de uma escola confessional tradicional viçosense, em 1963, por meio do Decreto 6564/MG. Em 1990, a escola foi instalada em sede própria e atualmente é mantida pelo Governo do Estado de Minas Gerais e administrada pela Secretaria do Estado de Educação sob a jurisdição da Superintendência Regional de Ensino de Ponte Nova/MG.

Após 52 anos de sua criação, alguns preceitos e rituais religiosos ligados ao catolicismo ainda se fazem presente no cotidiano dessa escola, como o fato de a escola ainda receber o nome de uma freira, a missa de celebração do aniversário da escola, o hábito de rezar todos os dias antes do início das aulas, a coroação no mês de maio e a presença de imagens no espaço escolar, como mostram as imagens a seguir.



Imagens católicas presentes na Escola “Madre Santa Face”. Arquivo Pessoal.

Segundo Figueiró (2006, p. 47), a sexualidade “tem sido reprimida e controlada, ao longo dos séculos pela Igreja”. Nesse sentido, um fator que possivelmente contribui para a invisibilização

das manifestações da sexualidade nesse contexto é o caráter confessional presente desde a sua criação.

A escolha dessa escola ocorreu enquanto desenvolvia as atividades do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) no primeiro ano do Ensino Fundamental desta instituição, o qual possibilitou o acesso e a permanência na mesma.

A Escola Estadual “Madre Santa Face” localiza-se no centro da cidade de Viçosa e é conhecida pelo alto índice nas avaliações externas, o que está estampado na entrada da escola. A sua tradição e o alto índice de rendimento das avaliações são as principais justificativas para o controle dos alunos, caracterizando o espaço escolar como o responsável pela construção de conhecimento institucionalizado.

A esse respeito, consideramos importante trazer um trecho de uma conversa com a Joana², vice-diretora da escola, que afirmou: “Hoje em dia, querem que a escola dê conta de tudo e tem uma série de coisas que não precisam ser trabalhadas na escola. Gastamos tempo com isso e às vezes deixamos o conteúdo de lado”. Entretanto, consideramos, assim como Louro (1997, p 85), que “a escola não apenas transmite conhecimentos, nem mesmo apenas os produz, mas que ela também *fabrica* sujeitos [...]” (grifos da autora). Nesse sentido, nos desdobraremos nas seguintes *cenas-acontecimentos* a fim de compreendermos as produções de subjetividade as quais tivemos a oportunidade de presenciar e construir.

CENA 1: O INÍCIO DE UMA (NÃO) CONVERSA SOBRE SEXUALIDADE...

Ao adentrar na escola, fomos recebidas pela coordenadora pedagógica do turno matutino, Angélica, a quem explicamos o tema pelo qual interessávamos pesquisar. Angélica nos recebeu muito bem, e nos indicou as meninas da turma do quarto ano, sala quatro, relatando que elas eram “*terríveis*” e “*davam muitos problemas relacionados à sexualidade*”. Essa afirmação nos fez questionar imediatamente quais seriam esses problemas. Angélica nos contou que as meninas da sala quatro brigavam entre si pelos meninos do outro quarto ano, chegando a realizar apostas cujo prêmio seria o direito de namorar/gostar/ficar com determinado menino.

² Os nomes utilizados são fictícios com o intuito de garantir a privacidade dos sujeitos pesquisados.

Posteriormente, procuramos no caderno de ocorrências o dia das brigas, apostas ou qualquer outro fato que trouxesse alguma discussão sobre esse tema e nada foi encontrado, assim como no Projeto Político Pedagógico da Instituição. No entanto, em consulta ao Regimento, uma frase chamou a nossa atenção: “é proibido aos discentes praticar atos atentados à moral e aos bons costumes” (Seção III – parágrafo V). Contudo, essa frase pode gerar diferentes interpretações, uma vez que “atentado à moral” e “bons costumes” são termos que podem adquirir diferentes significados conforme os valores de quem lê. Procuramos então a coordenação da escola para conversar sobre essa seção, mas ela não soube nos informar quais seriam esses atos.

Interpretando essa frase com o objetivo desta pesquisa, ela pode ser aplicada em momentos oportunos para o silenciamento sobre a sexualidade. E, nessa perspectiva, afirma Louro que ainda que não exista uma disciplina de “educação sexual”, a abordagem desse assunto nos documentos escolares, ou manifestações explícitas, ela se faz presente, haja vista que “a sexualidade está na escola porque ela faz parte dos sujeitos, ela não é algo que possa ser desligado ou algo do qual alguém possa se ‘despir’” (LOURO, 1997, p. 81).

Nesse sentido “as perguntas, as fantasias, as dúvidas e a experimentação do prazer são remetidas ao segredo e ao privado”. Esse silenciamento e essa negação dos anseios e desejos dos sujeitos produzem “múltiplas estratégias de disciplinamento”. Assim, ao acreditar que “as questões da sexualidade são assuntos privados, deixamos de perceber sua dimensão social e política” (Ibidem, 2007, p. 27).

CENA 2: A ORGANIZAÇÃO COTIDIANA

Em um determinado dia, como em todos os outros, pontualmente às 7 h e 15 min os/as alunos/as chegaram à escola e formaram filas no pátio. As filas são formadas separando dentre as turmas, as meninas e os meninos, para que se realizem as orações que são o Pai Nosso e a Ave Maria, se passem os informes gerais e se cante parabéns aos aniversariantes do dia. Depois os alunos seguem com as professoras para começarem a aula. Como sempre, esse momento é de organização e respeito às orações, no qual os/as alunos/as já estão tão habituados/as que não questionam nem fogem da ordem pré-estabelecida, pois já interiorizaram o comportamento necessário àquele momento.

Atentamo-nos às atividades diárias, pois segundo Louro (1997, p. 63), “as práticas rotineiras e comuns, os gestos e as palavras banalizados que precisam se tornar alvos de atenção renovada, de questionamento e, em especial, de *desconfiança*”, haja vista que “o processo de ‘fabricação’ dos sujeitos é continuado e geralmente muito sutil, quase imperceptível”. Nesse sentido, “a disciplina ‘fabrica’ indivíduos: ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício” (FOUCAULT, 1987, apud LOURO, 1997, p. 62-63).

CENA 3: A “DECÊNCIA” DAS GAROTAS

Em um dia como outro qualquer, em meio ao ritual matinal descrito na cena anterior, dois comentários nos causaram estranhamento. O primeiro se refere à vice-diretora, dizendo, após as orações, exclusivamente às meninas, sobre a roupa apropriada ao ambiente escolar e relatando que havia alunas com *shorts* muito curtos e roupas “*indecentes*”.

O segundo veio em seguida por meio de um cochicho feito por Jandira, parte do corpo docente dessa escola: “Isso do uniforme acho que ela tem que cobrar mesmo, porque as meninas quando começam a crescer já querem logo mostrar o corpo”.

O primeiro comentário faz parte do processo de disciplinamento e fabricação dos sujeitos que citamos na cena anterior. Nesse sentido, as subjetividades são produzidas no cotidiano escolar e inscritas no corpo, por meio dos gestos, trajés, condutas e posturas exigidas para se adequarem à norma social. Contudo, o comentário da professora Jandira está presente no pensamento de muitos outros sujeitos e incomoda ao passo que traz consigo um modelo social de comportamento adequado naturalizado sobre o disciplinamento do corpo feminino enquanto nada é dito aos meninos. São as meninas que devem se portar e se vestir de formas “apropriadas” para não atrair olhares. Nessa perspectiva, “as garotas devem cuidar de si, de seus gestos, suas formas de olhar, falar e se comportar, especialmente em relação aos rapazes, senão quiserem correr o risco de serem julgadas” (SALES e PARAÍSO, 2013, p. 618). Nesse sentido, espera-se que a menina seja recatada, delicada, tímida, “decente”. Aos meninos, nenhuma recomendação, pois a eles “é atribuída uma incapacidade de controle dos ‘instintos sexuais’ de forma a justificar uma série de comportamentos considerados essencialmente masculinos” (TONELI, 2012 p. 155).

Entendemos que esse modelo de garotas construído socialmente ignora, reprime e exclui toda a multiplicidade nas formas de se fazer menina. Esse tipo de abordagem pode trazer consequências para toda a vida. Segundo Figueiró (2006, p. 47), “o que é mais agravante é que o próprio indivíduo tem internalizado essas forças negativas e vem exercendo sobre si próprio a auto repressão, sem ter a consciência disso”.

CENA 4: O SILÊNCIO SOBRE A VACINA DO HPV

Em um dos dias acompanhando as aulas em sala, uma pergunta soou em meio aos risos lá do cantinho: “Professora, a vacina da HPV³ mata?”. A turma toda riu. Percebemos que pergunta não era direcionada à professora da turma, era para a pesquisadora, pois todos/as a olhavam. Respondemos conforme julgamos adequado, enquanto os risos sumiram. O silêncio tomou conta do ambiente. Então questionamos se mais alguém tinha essa dúvida, pedindo que levantassem a mão, e nos surpreendemos com a metade da sala com mão levantada. Pedimos licença à professora e explicamos a toda à turma que a vacina servia para prevenir uma doença, não para a sua contaminação.

Problematizamos as dúvidas surgidas sobre a vacina com a coordenadora pedagógica do período vespertino. Julia afirmou ser contra a aplicação desta vacina. Quisemos entender seus motivos e, ao ser questionada se não a aprovava por questões morais, religiosas ou de saúde, ela relatou ser contra pelos três motivos concomitantemente, mas depois afirmou ter pouco conhecimento acerca do assunto por não ter ninguém nessa faixa etária em sua família.

Consideramos importante ressaltar que as meninas do quarto ano estão em idade de vacinação, por isso, essa foi uma cena que nos intrigou, uma vez que “o sentido primordial para o ensino da sexualidade está em que é um direito do educando conhecer a si próprio e conhecer tudo o que é ligado à sexualidade” (FIGUEIRÓ, 2006, p. 67). Portanto, o conhecimento acerca da vacina não deve se restringir à vida familiar, mas deve pertencer também ao contexto escolar.

³ O Sistema Único de Saúde oferece vacinas HPV para meninas entre 09 e 13 anos, haja vista que a infecção pelo Human Papiloma Vírus é a principal responsável pelo câncer do colo de útero. Para mais informações veja <http://portalarquivos.saude.gov.br/campanhas/hpv/>

CENA 5: NO ESCURINHO DO CINEMA...

A escola organizou uma sessão de cinema para todos/as os/as alunos/as assistirem a um filme infantil. Nesse dia percebemos a inquietação e a movimentação entre as meninas e os meninos do quarto ano, entre olhares, sorrisos e cochichos.

Cada turma foi andando até o cinema, separada em filas de meninas e meninos com sua respectiva professora. Ao chegarem ao local, alguns/algumas alunos/as compraram pipocas, refrigerantes e doces e se dirigiram para a sala de projeção.

“Separados por turma”, assim deveria ser organizados, ou pelo menos essa foi a ordem dada pela coordenação da escola. Porém, havia dois alunos de salas distintas que queriam se sentar juntos. Então, as meninas da sala pesquisada sentaram-se ao lado umas das outras na penúltima fileira para esconder dos funcionários do cinema e da escola um casal nas últimas cadeiras: Eduarda e Samuel.

Compreendemos o que as meninas planejaram anteriormente, esquematizando a melhor forma de esconder o casal, quando comentaram com a pesquisadora alguns dias depois no pátio da escola: “No escurinho do cinema, né ‘fessora’? Vai que rola”. Logo, podemos perceber que até mesmo em escolas tradicionais como a “Madre Santa Face” acontecem pequenas transgressões, pois “a ordem e a administração não se exercem nunca capazmente”. (Ó, 2009, p. 105). Nesse sentido, mesmo com a coordenadora dizendo que os/as alunos/as deveriam ser separados/as por turma e com a presença de todos os funcionários, eles/elas encontraram uma maneira de burlar o que estava imposto, de traçar linhas de fuga.

CENA 6: O CORPO “MAL” EDUCADO

Estávamos no recreio conversando sobre assuntos variados, quando a Maria Luiza, aluna do quarto ano, perguntou se possuíamos *WhatsApp*⁴. Ela começou a nos contar que algumas meninas e meninos do quarto e do quinto anos têm um grupo nesse aplicativo, o qual é o principal meio que elas encontram para conversar.

⁴ *WhatsApp* é um aplicativo desenvolvido para celulares que possibilita a troca de mensagens de texto, áudio, imagens ou vídeos entre os usuários desde que estejam conectados à internet.

Ela nos conta que sua amiga Paloma foi pedida em namoro, mas não quis responder, e que então o grupo de amigas decidiu aceitar por ela, “ela quer sim. Ela disse que gosta dele no WhatsApp”. Nisso, percebemos que os/as alunos/as utilizam essa ferramenta para falar aquilo que se envergonham de dizer pessoalmente, como demonstrar o interesse pelos colegas.

Ao nos relatar isso, indagamos à Maria Luiza como dois alunos da escola estavam namorando, já que na escola isso não é permitido. Ela me respondeu “Não pode namorar na escola, mas fora não tem nada a ver”. Ao observar Paloma ao lado do Bruno no pátio, logo perguntamos se eles realmente não namoravam nas dependências da escola. Sorrindo, a aluna respondeu: “Ah, mas ninguém sabe”. Nesse instante, o sino tocou e ela foi andando em direção à sala de aula.

Essa cena nos faz pensar na sexualidade e suas manifestações: será que abafá-las e/ou proibi-las, alegando não ser o momento apropriado, fazem-nas desaparecer? Quais são realmente os assuntos apropriados para essa faixa etária? Se os desejos estão presentes em meninas de dez anos, isso não precisa ser conversado? O que se tem negado é que “os sujeitos estão implicados e são participantes ativos na construção de suas identidades” (LOURO, 2007, p. 25). Portanto, as meninas não são meras receptoras e reprodutoras de valores, são também produtoras de si mesmas. Nesse sentido, não podemos desconsiderar suas fantasias e desejos, pois elas sentem a necessidade de manifestarem suas sexualidades, mesmo que tenham que burlar as regras e esconder de quem as proibiram.

Nesse sentido, “[...] as fronteiras são permeáveis, flexíveis e frequentemente transgredidas por jovens que não se deixam aprisionar pelas amarras culturais” (SALES e PARAÍSO, 2013, p. 606). Ainda que lhes digam que não podem namorar, elas utilizam aplicativos de conversa, olhares e cochichos. Linhas de fuga a todo o momento estão sendo traçadas, pois “a vida escapa” (GOELLNER, 2005, apud SALES e PARAÍSO, 2013, p. 615).

PARA (IN)CONCLUIR ESSE ASSUNTO...

Percebemos que por estar auxiliando a docência do primeiro ano e aplicando atividades, os/as alunos/as nos chamam de “tia” e nos interpretam mais como professora ou funcionária da escola. Essa diferença de papéis, desenvolvido no primeiro ano com certa autoridade, e no quarto apenas como observadora, se misturam na

hora do recreio em meio à coletividade. Embora tenhamos sido aceitas e bem recebidas pelas meninas, acreditamos que isso as tenha atrapalhado a nos reconhecer como alguém a quem pudessem trocar confidências, o que fez com que elas nos escondessem muitas informações.

“Escrever é traçar linhas de fuga, que não são imaginárias, que se é forçado a seguir, porque a escritura nos engaja nelas, na realidade, nos embarca nela” (DELEUZE, 1998, p. 35). Durante o tempo em que estivemos em contato com essas garotas, percebemos que não estavam seguindo suas linhas, mas traçando com elas. Enquanto mulheres, ao sermos silenciadas e impossibilitadas de sanar nossas dúvidas e curiosidades na adolescência, encontramos no cotidiano dessa escola possibilidades de escape à disciplina e à norma.

Sem a pretensão de esgotar este assunto, abordamos acontecimentos que emergiram do cotidiano da Escola “Madre Santa Face” durante o período em que dirigimos nosso olhar às questões relacionadas à sexualidade. Por isso, utilizamos a cartografia, já que esse tipo de pesquisa “desliza as noções essenciais de objetos de pesquisa que estão em algum lugar desde já e para sempre” (OLIVEIRA, 2012, p. 284). Portanto, não temos a intenção de construir verdades e/ou fazer juízo de valor em meio às atitudes dos sujeitos escolares, sejam eles/elas professores, funcionários/as ou alunos/as. O objetivo desta abordagem foi problematizar e visibilizar assuntos silenciados, bem como olhar para as redes tecidas por essas meninas, que sempre encontram meios de escapar à invisibilização ou silenciamento de seus desejos, ainda que sejam por olhares e sorrisos.

REFERÊNCIAS

BARROS, Regina Benevides de; PASSOS, Eduardo. Pista 1 A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia. ESCÓSSIA, Liliana da (Orgs.); *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: *pluralidade cultural, orientação sexual* / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

BUTLER, Judith. Corpos que Pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade*. 2. ed. 2. reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 151-172.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Conversações*. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro, São Paulo: Escuta, 1998, 184p.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. *Formação em educadores sexuais: adiar não é mais possível*. Campinas, SP: Mercado de Letras; Londrina: Paraná, PR : Duel, 2006.

FOUCAULT, Michel. *O governo de si e dos outros: curso no Cul1ege de France (1982-1983)*; Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

_____. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.

HOLLANDA, Chico Buarque de. *O que será (À flor da Pele)*. In.: NASCIMENTO, Milton. Geraes. EMI, 1976. Faixa 6.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

_____. *Pedagogias da Sexualidade*. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.) *O corpo educado. Pedagogias da Sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MADRE SANTA FACE. *Regimento escolar*. Escola Estadual Madre Santa Face. Viçosa, 2015.

MADRE SANTA FACE. *Projeto Político Pedagógico*. Escola Estadual Madre Santa Face. Viçosa, 2015.

MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves. *Metodologias de pesquisas pós-críticas ou Sobre como fazemos nossas investigações*. In: _____. (Orgs.). *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

Ó, Jorge Ramos. *A Governamentalidade e a História da Escola Moderna: outras conexões investigativas*. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v. 34, n. 2, p. 97-117, maio/ago. 2009.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. *Certeau e as artes de fazer: as noções de uso, tática e trajetória na pesquisa em educação*. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; ALVES, Nilda (Orgs.). *Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas – sobre redes e saberes*. Petrópolis: DP et Alíii, 2008.

OLIVEIRA, Thiago Ranniery Moreira de. *Mapas, danças, desenhos: a cartografia como método de pesquisa em Educação*. In MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Orgs.). *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

PESSOA, Fernando. *Poemas de Álvaro de Campos*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.

RODRIGUES, Alexandro; BARRETO, Maria Aparecida Santos Corrêa. *Currículos, gêneros e sexualidades: experiências misturadas e compartilhadas*. Vitória, ES : Edufes, 2013.

SALES, Shirlei Rezende; PARAÍSO, Marlucy Alves. Juventude Ciborgue e a Transgressão das Fronteiras de Gênero. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 19(2): 336, mai./ago. 2011.

_____. O Jovem Macho e a Jovem Difícil: governo da sexualidade no currículo. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 38, n. 2, p. 603-625, abr./jun. 2013.

TONELI, Maria Juracy Filgueiras. Sexualidade, gênero e gerações: continuando o debate. In JACÓ-VILELA, AM., and SATO, L., orgs. *Diálogos em psicologia social*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, p. 147-167, 2012.

